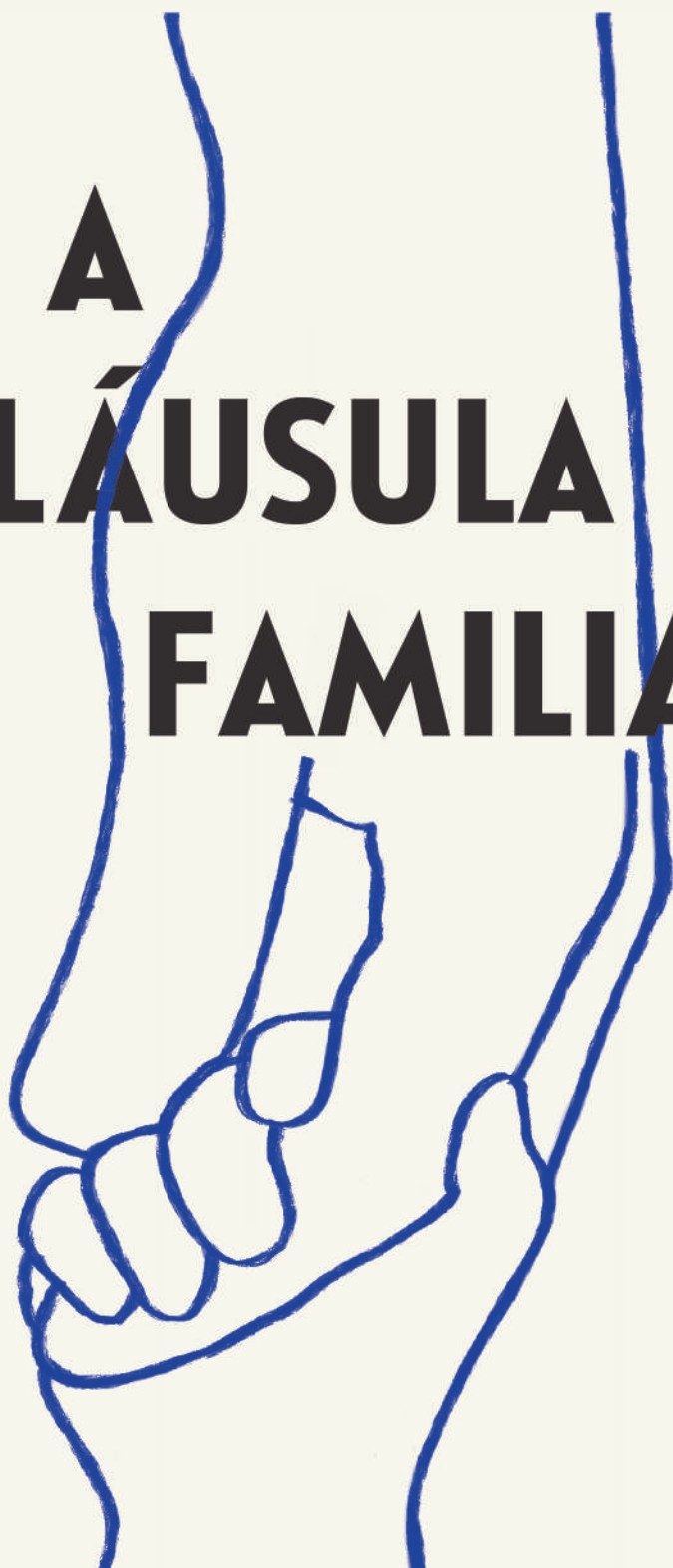


Vencedor do Prix Médicis Étranger • Finalista do National Book Award

JONAS HASSEN KHEMIRI

**A
CLÁUSULA
FAMILIAR**



ELSINORE

I

QUARTA-FEIRA

Um avô que é pai volta ao país que nunca deixou. Está na fila para o controlo de passaportes. Se o agente por trás do vidro fizer perguntas desconfiadas, o pai que é avô vai manter a calma. Não vai chamar porco ao agente. Não vai perguntar se o agente mandou vir o uniforme de um catálogo de vendas pelo correio. Em vez disso, vai sorrir e mostrar o passaporte e lembrar ao agente que ele é cidadão deste país e que nunca se ausentou por mais de seis meses. Porquê? Porque a sua família vive aqui. Os seus queridos filhos. Os seus maravilhosos netos. A sua traiçoeira ex-mulher. Nunca partiria por mais de seis meses. Seis meses é o limite. Normalmente, parte por cinco meses e 30 dias. Às vezes, cinco meses e 27 dias.

A fila avança. O avô que é pai tem dois filhos. Não três. Um filho. Uma filha. Ama-os aos dois. Especialmente a filha. Dizem que são os dois parecidos com o pai, mas ele vê muito poucas semelhanças. Têm a altura da mãe, a teimosia da mãe, o nariz da mãe. Na verdade, são apenas versões pequenas — bom, grandes — da mãe, os dois. Especialmente o filho. O filho é tão parecido com a mãe que o pai que é avô por vezes, ou na verdade muitas vezes, tem vontade de se inclinar e dar-lhe uma cabeçada. Não que o chegue a fazer. Claro que não o faz. Controla-se. Vive neste país há tempo suficiente para saber que os sentimentos são maus. Os sentimentos devem ser guardados em caixinhas corretamente etiquetadas, e só devem ser

libertados quando se tem o manual à mão, os especialistas a postos, um inspetor oficial pronto para se responsabilizar por aquilo que os sentimentos possam vir a desencadear.

A fila está parada. Ninguém fica zangado. Ninguém levanta a voz. Ninguém empurra ninguém. As pessoas limitam-se a revirar os olhos e a suspirar. O avô faz o mesmo. Lembra-se de quando era pai. Festas e férias na praia, treino de judo e viroses intestinais, aulas de piano e peças da escola. Lembra-se da pega que a filha, ou talvez o filho, fez em Trabalhos Manuais, bordada com as palavras: «Melhor Pai do Mundo». Foi um pai fantástico. É um avô fantástico. Quem disser o contrário está a mentir.

Quando o pai que é avô chega à cabine de controlo de passaportes, a mulher de uniforme do outro lado do vidro leva apenas alguns segundos a olhar para ele, a verificar o passaporte e a fazer-lhe sinal para passar.

*

Um filho que é pai sai para o escritório assim que os filhos adormecem. Pega no correio com uma mão e fecha a porta de dentro com a outra. Guarda a comida no frigorífico e atira o equipamento do ginásio para dentro de um dos armários. Antes de pegar no aspirador, faz umas passagens com o rolo de cozinha e a pá do lixo, apanhando as baratas mortas dos últimos dias do chão da cozinha, da casa de banho e do corredor. Muda os lençóis e as toalhas, e enche o lavatório de água para que as manchas secas de café nas chávenas comecem a dissolver. Abre a porta da varanda e areja a sala. Enche o caixote do lixo da cozinha com folhetos publicitários, quivis secos, tangerinas duras, envelopes rasgados e caroços de maçã castanhos. Vê as horas e percebe que tem tempo. Nem sequer precisa de ter pressa.

Lava o chão do corredor e da cozinha. Limpa a banheira, o lava-tório e a sanita. Quando acaba, deixa um sabonete e uma esponja na casa de banho. Diz para si mesmo que, se o pai os vir, é mais provável que não deixe o escritório no mesmo estado que da última vez. E da vez antes dessa.

O filho despeja as cápsulas da máquina de café num saco de plástico e depois põe esse saco de plástico numa caixa, e a caixa no fundo da dispensa. Põe as velas que a irmã lhe ofereceu nos anos noutra saco e esconde-as na caixa de ferramentas. As latas de atum e os frascos de pinhões e de sementes de abóbora, todos caros, vão para a caixa vazia do tóner, por cima do frigorífico. Põe as moedas da tacinha no corredor no bolso direito das calças de ganga. Guarda os óculos de sol na mochila. Faz mais uma ronda. Acabou. O escritório está pronto para a chegada do pai. Vê as horas. O pai já devia ter chegado. Vai chegar a qualquer momento.

*

O pai que é avô está na recolha de bagagem. As malas são todas iguais. Luzidias como naves espaciais, com rodas, como *skates*. Percebe-se logo que foram feitas numa fábrica de terceira categoria na Ásia. A mala dele é sólida. Feita na Europa. Firme e forte há 30 anos, e vai durar pelo menos mais 20. Não tem rodas para partir. Está coberta de autocolantes de linhas aéreas falidas. Quando a levanta do tapete rolante, uma rapariga jovem, com braços de estivador, pergunta-lhe se ele precisa de ajuda.

— Não, obrigado — diz o avô, com um sorriso.

Não precisa de ajuda. Sobretudo de desconhecidos que só se estão a oferecer para ajudar na esperança de receber uns trocos.

Põe a mala no carrinho e dirige-se para a saída. Havia um problema técnico qualquer com o avião. Os passageiros tiveram de

embarcar, depois desembarcar e voltar a embarcar. Os filhos devem ter visto o atraso na Internet. O filho dá boleia à irmã. Apanham a autoestrada para norte. O filho estaciona no parque de curta duração incrivelmente caro, e a filha abre o porta-bagagens e tira o casaco elegante do pai. Devem estar à espera dele, do outro lado, agora mesmo. A filha com o sorriso radiante. O filho com os fones. Não precisam de presentes. Basta estarem ali.

*

Um filho que é pai aproveita para trabalhar um pouco enquanto espera que o pai chegue. Depois de verificar que não há baratas mortas na chaleira, ferve a água para o chá. Liga o computador e começa a rever o fecho de contas da cooperativa de habitação Utsikten 9. Entra no portal das finanças e solicita extensões para um jornalista *freelance* e um curador que se atrasaram a passar recibos. Escreve uma lista das coisas que tem a fazer antes da festa de anos da filha no próximo domingo. Contactar os pais que não responderam. Preparar jogos. Comprar balões, pratos de papel, serpentinas, palhinhas, sumos, ingredientes para o bolo. Corda e molas da roupa para o jogo da pesca. Volta-se e olha pela janela. Não é preciso ficar preocupado. Não se passa nada. O pai está só um pouco atrasado.

Antes, o filho encontrava-se sempre com a irmã na estação de autocarros do Cityterminalen, quando o pai estava a caminho. Esperavam por trás do vidro, nos bancos à frente da paragem de autocarro, costas com costas, ou um com a cabeça no ombro do outro, ou um deitado ao colo do outro. De cada vez, o filho olhava repetidamente para o relógio da estação e pensava onde estaria o pai; a irmã ia à loja de conveniência e voltava com um *smoothie* de framboesa, uma sanduíche e um *latte*. Ele tirava os fones e deixava a irmã ouvir as novas músicas de Royce, 5' 9", Chino XL e Jadakiss.

A irmã devolvia-lhe os fones, bocejava e regressava à conversa sobre higiene íntima que começara com uns reformados à espera do autocarro da noite de regresso a Varberg. O filho que ainda não era pai levantava-se do banco e ia até à janela. A irmã que ainda não era mãe deitava-se ao comprido no banco, usando a mala como almofada, e adormecia. De 15 em 15 minutos chegava um autocarro do aeroporto. Nada de pai. O filho sentava-se, levantava-se, voltava a sentar-se. Um sem-abrigo era acordado por seguranças. Dois taxistas jogavam ao jogo do galo ou apostavam nos cavalos. Alguns turistas desorientados saíam do autocarro e caminhavam numa direção, apenas para depois voltarem para trás e caminharem na direção contrária. Olhava para a irmã, que dormia. Como podia ela estar tão calma? Não percebia que devia ter acontecido alguma coisa? O pai foi preso. Os militares apanharam-no no embarque, pediram-lhe o passaporte, acusaram-no de ser um agente secreto, um contrabandista, um membro da oposição. Naquele preciso momento, estaria numa cela vazia, a tentar convencer o soldado de que não tinha nada que ver com o prisioneiro que se imolara em protesto contra o regime e os seus métodos.

— Somos uma família grande — estaria a dizer. — O nosso apelido é comum. Não sou político, sou vendedor.

E depois faria o seu sorriso encantador. Se há uma pessoa capaz de sair da prisão com conversa fiada, é ele.

— Senta-te e relaxa — dizia a irmã ao acordar. — Respira. Está tudo bem.

— Noventa minutos — dizia o filho, abanando a cabeça. — É só estranho que o avião tenha aterrado há 90 minutos e que ele ainda não esteja cá.

— Relaxa — dizia a irmã, puxando-o de volta para o banco. — Não é nada estranho. Primeiro, ele vai esperar até toda a gente sair do avião, depois vai apanhar os jornais e as garrafas de vinho por abrir. Depois vai à casa de banho favorita, vai recolher a bagagem

e inspecionar a mala. Se tiver nem que seja um arranhãozinho, e tem sempre, vai para a fila das reclamações, não estás mesmo a ver?

O filho acenava com a cabeça.

— Vai fazer queixa dos estragos na mala, e a pessoa que o atender não vai perceber se ele está a gozar, porque aquela mala anda de um lado para o outro desde a Segunda Guerra Mundial ou assim. A pessoa vai dizer-lhe que não pagam indemnizações por desgaste, e ele vai ficar furioso e dizer que o cliente tem sempre razão.

— A não ser que a pessoa que o atenda seja uma mulher jovem e bonita — dizia o filho.

— Exatamente — dizia a irmã. — Nesse caso, ele vai sorrir e dizer que compreende.

— E depois? — perguntava o filho.

Já estava a sorrir.

— Depois vai passar pela alfândega — dizia a irmã. — E algum guarda sem experiência vai achar que ele está a esconder alguma coisa. Vão chamá-lo à parte. Fazer-lhe perguntas. Vão levá-lo para uma sala das traseiras e pedir-lhe para lhes mostrar o que tem na mala. E o que vão encontrar? Nada. Traz a mala quase vazia. Tirando um par de camisas e alguma comida. Ele demora sempre este tempo todo. E tu ficas sempre todo nervoso por nada.

De cada vez, ficavam em silêncio. Chegava um autocarro. Chegava outro autocarro. Quando partia, o pai estava de pé, no passeio. Sempre com a mesma roupa. O mesmo casaco gasto. Os mesmos sapatos velhos. A mesma mala e o mesmo sorriso e sempre a mesma primeira pergunta:

— Trouxeram o meu casaco?

A filha e o filho passavam pelas portas de vidro. Ajudavam-no a vestir o casaco e pegavam-lhe na mala. Diziam:

— Bem-vindo a casa — e, de cada vez, pensavam se casa seria realmente a palavra certa.

*

Um pai que é avô sai para a zona de chegadas. Olha nos olhos as pessoas à espera. Vê-lhes os rostos desfocados, como os de criminosos nas imagens de segurança. Raparigas a beber chá em copos de papel. Homens de barba com calças demasiado justas a olhar para os telemóveis. Dois pais, de roupa elegante, com uma faixa por desenrolar e um parente a filmá-los com o braço estendido como uma cobra. Vários homens com buquês de flores e casacos na mão. O pai conhece o tipo. Já os viu antes. Homens suecos à espera das suas noivas tailandesas. Conhecem-se na Internet e ficam noivos sem nunca se terem visto, e os homens trazem casacos para o aeroporto, tanto para mostrar que são simpáticos como para evitar que as raparigas fiquem em choque com o frio. Mas homens simpáticos não precisam de encomendar putas do fim do mundo para se casarem, pensa, enquanto caminha em direção à saída. Não tenta encontrar os filhos, porque sabe que não estão lá. Mesmo assim, sente o olhar à procura. A esperança dos olhos.

Vê uma grande família africana; os homens parecem traficantes. Vê um jovem paquistanês com um sinal debaixo do olho, a piscar nervosamente os olhos, como se estivesse nervoso ou tivesse acabado de acordar. Deve ser maricas. Vê-se pela camisa apertada e pelo cachecol suave. O avô segue em frente, passando pelo café aberto 24 horas, pelos taxistas com apelidos suecos e nomes de empresas inglesas escritos em cartazes. Pelo balcão de câmbio que já fechou e pela coluna com os grandes autocolantes verdes a informá-lo de que há desfibrilador ali mesmo. Que raio é um desfibrilador? Se é assim tão importante ter um desfibrilador, porque é que não há nos aeroportos todos? Não. Só aqui, neste país estranho, é que os políticos decidiram que a zona das chegadas não era segura sem um desfibrilador.

O avô que já não se sente pai empurra o carrinho na direção da paragem de autocarro. Sai para o meio da ventania. Passou quase toda a vida a viajar de e para este aeroporto. Sol, chuva, inverno, verão. Não faz diferença. O vento no Terminal 5 é uma constante. É como um furacão, faça o tempo que fizer. Transforma lenços em bandeiras. Casacos em saias. É tão forte que as pessoas à espera do autocarro têm de se abrigar entre os pilares de cimento para evitar fazer um recital de bailado involuntário, dois passos para a direita, um passo em frente, enquanto o vento ri e geme, a marcar compasso.

Semicerra os olhos para ler o painel eletrónico. Catorze minutos até ao próximo autocarro. Deve ter acabado de partir. Catorze minutos infernais, caraças. A mulher dele espreita a um canto.

— Catorze minutos! — grita, com uma voz animada. — É uma sorte não serem 114!

— Está um gelo — murmura ele.

— É revigorante — diz ela.

— Ninguém me veio buscar — diz ele.

— Estou cá eu — diz ela.

— Estou doente — diz ele.

— Mas é uma sorte ser diabetes e não outra doença crónica — diz ela —, a diabetes é fácil de controlar. Já ouvi falar de diabéticos que conseguiram deixar de tomar insulina só por mudarem de alimentação, e aposto que tu até achas graça, com as agulhas e as análises de sangue, não é?

— Vou ficar cego — diz ele.

— Mas vê-me a mim — diz ela.

— Sim — diz ele.

— Que sorte — diz ela, com um sorriso.

O seu cabelo curto esvoaça ao vento. Que sorte. Era o mantra dela. Acontecesse o que acontecesse. Quando o colega de turma da filha partiu o braço, a primeira pergunta da mulher foi:

- O direito ou o esquerdo?
- O esquerdo – disse a filha.
- Que sorte – disse a mulher.
- Ele é canhoto – disse a filha.
- Então vai aprender a usar melhor a direita – disse a mulher.
- Que sorte.

O pai sorri da memória. O vento amaina. Tudo fica em silêncio. A mulher aproxima-se; acaricia-lhe a testa e beija-lhe o rosto com lábios frios como botões de elevador.

– Já agora... – sussurra. – Mulher? Porque é que ainda pensas em mim como tua mulher? Há mais de 20 anos que estamos divorciados.

O vento voltou. Ela desapareceu. Sente o corpo fraco. Passa-se alguma coisa com os seus olhos. Só quer chegar a casa. Ele não tem casa. Há táxis. Há o comboio expresso. Mas ele vai esperar pelo autocarro. Espera sempre pelo autocarro.

*

Uma irmã que é filha, mas já não é mãe, sai do restaurante, manda parar um táxi e diz a sua morada.

- Estava bom, o jantar? – pergunta o taxista.
- Estava – diz a irmã. – Eram os anos de uma amiga. Fez 38. – *Foda-se... 38.*

A irmã suspira.

- O tempo passa a correr – diz o taxista.
- Passa mesmo – diz ela.
- Tem filhos? – pergunta o taxista.
- Trinta e oito – diz ela. – Lembro-me de quando a minha mãe fez 38. Tinha os papéis todos organizados em pastas. Tinha começado um negócio. Parecia tão crescida e organizada. Os meus amigos

andam todos metidos em relações casuais e trabalhos precários. Se calhar ela também achava isso dos amigos dela, quando os comparava aos pais dela, ou acha que não?

— É bem possível — diz o taxista. Silêncio.

— Bom, mas a comida era boa — diz ela. — Já lá foi?

— Não — diz ele.

— As doses são generosas — diz ela. — Odeio ir a um sítio e pagar 300 coroas por um prato e ficar com fome. É mesmo irritante, não é?

— Pois é — diz ele. — É suposto a pessoa ficar satisfeita.

— É isso mesmo — diz ela. — Mas havia um problema qualquer com a ventilação. O sítio tresandava todo a cozinhados. Era um cheiro tão forte que tive de vir cá fora apanhar ar fresco para não vomitar.

O taxista olha-a nos olhos, pelo retrovisor. Silêncio. Ela pega no telemóvel. A primeira mensagem é das oito e meia. O irmão a dizer que está no escritório, à espera do pai. Caraças, pois era. Era hoje que o pai voltava para casa? Mensagem seguinte, nove e um quarto. Escreve a dizer que o pai ainda não chegou. Nove e meia. Está a começar a ficar preocupado. Dez e um quarto. Escreve que o avião se atrasou e que vai ter de ir para casa em breve. Pede que ela lhe ligue. Ela vê as horas. São onze e meia. Já deve estar a dormir. Podem falar amanhã. A única coisa que a incomoda é que o taxista parece ter posto um balde inteiro de *aftershave*. E o passageiro do banco de trás antes dela devia fumar muito. A embalagem entreaberta de paninhos húmidos no painel da porta cheira a alperce artificial, a embalagem do tabaco de mascar do taxista cheira a musgo. Quando o carro sai do túnel, ela tem de abrir a janela e aproximar o nariz da abertura.

— Tem calor? — pergunta o taxista.

— Um bocado — diz ela.

Ele fecha a janela dela com o comando da frente e aumenta o ar condicionado. Ela ouve a própria respiração. Sente a boca encher-se de saliva.

– Pode parar aqui – diz, assim que o taxista sai da rotunda.

Passa-lhe o cartão e sai do carro. Passa cinco minutos agachada junto a um canteiro e depois começa a andar para casa. Não vomitou. Não vai vomitar. Mas alguma coisa não está bem. Sente-se como uma super-heroína com o duvidoso superpoder de detetar cada odor, por mais discreto que seja, num raio de vários quarteirões, para depois ficar muitíssimo enjoada. O fedor dos cachorros-quentes à porta da loja de conveniência. O cocó de cão perto da paragem de autocarro. Um homem que cheira a hidratante. A rua dela cheira a folhas de outono húmidas. Vira à direita e aproxima-se da porta de casa. Passos atrás dela. Aceleram. Pode não querer dizer nada. Alguém a fazer uma corrida noturna? O vizinho dela que gosta muito de *hard rock* e que a viu agachada e veio perguntar se ela precisa de ajuda? Mesmo assim, pega nas chaves e prepara-se. Faz das chaves uma soqueira improvisada. Está concentrada. O enjoo passou. Olhos, tomates. Olhos, tomates. Toma a iniciativa. Grita. Nunca deixes que o atacante sinta o teu medo. Respira fundo, volta-se e caminha diretamente até ao homem que a está a seguir.

– O que é que foi? – grita.

O homem tira um fone do ouvido.

– Perdão?

– Pare de me seguir – diz ela.

– Eu vivo aqui – diz ele, apontando.

– Em que número? – pergunta ela.

– Vinte e um – diz ele.

– O número 21 não existe – diz ela.

– Hum, existe, sim – diz ele –, porque eu vivo lá.

– Em que rua?

Ele diz o nome da rua.

— OK — diz ela. — Vá-se embora.

Ele passa por ela, com um ar assustado e a abanar a cabeça. Cheira a pipocas com manteiga. Ela vê-o partir. Quando desaparece na esquina, ela volta a agachar-se. Porra do restaurante. Porra do táxi malcheiroso. Porra das folhas nojentas. Apanha o elevador e chega à casa de banho mesmo a tempo de vomitar.

— Amor? — sussurra o homem que não é o namorado, do outro lado da porta. — Precisas de alguma coisa?

Ela não responde. Deita-se de lado no chão da casa de banho à espera de que o mundo acalme.

Lá estão os ganchos das toalhas sem a toalha dele. Lá está o apoio da escova de dentes sem a escova de dentes dele. Lá está a cortina de banho com o papagaio roxo, que ela só pendurou porque a casa de banho ficava cheia de vapor, como uma floresta tropical, sempre que ele tomava duche, e ela tinha de mudar o rolo de papel higiénico. Como lhe foi possível zangar-se por causa de umas pocinhas? Lá está o armário em que a prateleira inferior é dele, porque não conseguia chegar mais alto sem ter de usar o banco branco. Guardava lá o desodorizante e as lâminas de barbear descartáveis de que ainda não precisava, junto com uma coleção de cremes hidratantes que ela trazia de hotéis sempre que viajava em trabalho. Agora a prateleira de baixo do armário está vazia, e quando o homem que acha que é namorado dela lá guardou o seu corta-unhas sem lhe perguntar, a reação dela foi deitá-lo fora.

Quando sai da casa de banho, o homem que não é namorado está a brincar com o telemóvel, no sofá.

— Bebeste demais? — diz, com um sorrisinho.

— Mesmo nada — diz ela. — Bebi água com gás a noite toda. Não me apetecia vinho.

Ele pouisa o telemóvel.

— O que foi? — diz ela. — Porque é que estás com esse ar tão preocupado?

*

Um filho que é pai vê as horas. Quase meia-noite. A irmã não ligou. A namorada mandou uma mensagem há uma hora. Ele respondeu que o avião estava atrasado e que estava a caminho de casa. Preparou-se para sair. Mas não saiu. Não sabe porquê. Tenta ligar para o telemóvel que o pai usa no estrangeiro. Depois para o número sueco. Os dois telemóveis estão desligados, ou sem bateria, ou então foram confiscados. Tenta ouvir a chave a abrir a fechadura. Pensa sobre quando deixaram de ir buscar pai à estação de autocarros. Teria sido há três anos? Ou há cinco? Não se lembra bem, mas suspeita que terá sido mais ou menos quando ele se tornou pai e o pai, avô. Aconteceu alguma coisa, nesse momento, embora o filho ainda se encarregue das coisas práticas. Trata da conta bancária e do correio do pai. Paga-lhe as contas, faz-lhe a declaração de impostos, cancela-lhe consultas e abre cartas da segurança social. Também é responsável pelo alojamento do pai sempre que ele vem de visita. Quer fique dez dias ou quatro semanas. Sempre foi assim. Sempre será assim.

O filho leva a caneca para a cozinha. Quando acende a luz, ouve o ruído das baratas a fugir para trás do forno. Do canto do olho, vê a sombra de duas delas a esquivar-se para debaixo do congelador. No lavatório, está uma barata encarnada lustrosa perfeitamente parada, a tentar ficar invisível, com as antenas a balançar no ar. O filho pousa a caneca no fogão e, lentamente, pega numa folha de papel de cozinha. Molha o papel, mata a barata, limpa o que sujou e depois deita o papel diretamente na sanita. Para evitar que se espalhem mais ovos. As armadilhas de papel azul peganhento da Anticimex foram postas há semanas. O homem veio com

o veneno na quinta-feira passada e espalhou novas linhas daquele creme letal, que parecia pasta de dentes, entre o fogão e o lavatório, entre o frigorífico e o congelador. Mesmo assim, não paravam de aparecer. São de dois tipos, umas um pouco mais pretas, e outras um pouco mais encarnadas, mas quando comem o veneno e morrem, morrem da mesma maneira. De costas, com as patas dobradas. As suas longas antenas a ondular como folhas de relva. Parecem tão harmoniosas, ali, mortas, prontas para serem esmagadas por uma folha molhada de papel de cozinha. Ele usa sempre uma folha por barata. Assim o rolo dura mais. Se tira duas folhas, por acidente, tem de matar duas baratas; assim é mais justo para todos e significa que não tem de estar sempre a gastar dinheiro em rolos de cozinha. Isso não foi a voz dele, foi a do pai.

– Uma folha de cada vez – gritava ele através da porta quando o filho estava na casa de banho. – Duas folhas se as molhares.

– Vou molhá-las – dizia o filho.

– Então podes usar duas folhas – dizia o pai.

O filho tirava duas folhas, humedecia-as e limpava-as.

– Agora só mais uma folha para ver se estás limpo – mandava o pai.

– Usa o rolo todo – gritava a mãe, da cozinha.

– Não lhe lrigues – dizia o pai.

O filho obedecia. Passou a porra da vida toda a obedecer. Está na altura de mudar, pensa, e pega numa caneta. Não escreve que será a última vez que o pai lá fica. Não escreve que quer quebrar a cláusula familiar – a cláusula paterna. Em vez disso, escreve: «Bem-vindo, pai. Espero que o voo tenha corrido bem. Aqui está o teu correio. Quando puderes, avisa se chegaste bem, para eu não ficar preocupado se te aconteceu alguma coisa.»

O filho apaga a luz e sai para as escadas. Tranca a porta interior, a porta exterior e o fecho de segurança. Depois, pelo sim, pelo não,

verifica se trancou o fecho de segurança. Sai do edifício e começa a dirigir-se para casa. Volta para verificar outra vez que não se esqueceu de trancar o fecho de segurança quando estava a verificar se tinha trancado o fecho de segurança. Passa pelo quarteirão onde o *pub* está a ser renovado. Passa pela mercearia da esquina, que pertence ao velhinho simpático, mas confuso, que parecia que vivia na loja, que agora parece ter fechado de vez. Passa pelo centro de massagem tailandesa Hälsan, com as montras protegidas por grades, pelo cabeleireiro K & N, pelo urinol verde que parece um trono e pelo quadro de avisos coberto de folhas A4 fotocopiadas a anunciar um passeador de cães («Amigo Sincero dos Cães desde 1957!»), *stand-up* feminista, reparações de bicicletas e aulas de zumba. Passa pela estação de metro, pelo café que fechou, pela lavandaria que fechou. Está prestes a acenar para o sítio onde costuma estar sentado um pedinte, mas está vazio, só lá estão uns cobertores, uma taça vazia, um cartão com uma foto dos filhos do pedinte. O filho vira à esquerda para o passeio. Segue pelo caminho de gravilha recentemente alcatroado, passa pelo grande campo de futebol de relva artificial, pelo vestiário encarnado e pelas árvores onde há vários dias que uma árvore caída espera para ser removida. Passa pelas moradias, pela rotunda, pelas obras.

– Chegaste a vê-lo? – pergunta a namorada, sonolenta, quando ele se deita ao seu lado.

– Hoje não – sussurra ele.

II

QUINTA-FEIRA

Um avô que é um pai esquecido está à espera de um autocarro do aeroporto que nunca chega. Está doente. Está a morrer. Está a dar cabo dos pulmões de tanto tossir. Está quase cego e não deve chegar vivo ao dia seguinte. Tudo culpa dos filhos. Raios partam este maldito país com o frio gelado de outono, os preços exorbitantes dos táxis e raios partam a seca que são os canais de televisão. Ainda se lembra da programação de quando veio viver para aqui. Primeiro a meteorologia, depois um programa infantil — duas meias, de cores diferentes, com lantejoulas a fazer de olhos e mãos a fazer de esqueletos, a falar sobre como a luta de classes era importante para uma sociedade feliz. Depois, mais meteorologia. Depois uma emissão especial em que o Estado partilhava dicas sobre como tratar queimaduras em crianças (pôr a criança no chuveiro, completamente vestida, e molhá-la com água *fresca*, não *fria*, durante 20 minutos), seguida de uma peça sobre a importância de espigões para fazer patinagem no gelo de longa distância, depois as notícias, depois a meteorologia, depois o filme da noite que era sempre, 100 % das vezes, um documentário sobre poetas latino-americanos ou apicultores ucranianos. Mesmo assim, sempre que não conseguia dormir, ficava acordado de noite com a televisão a fazer-lhe companhia. E, embora se sentisse sozinho, não estava só, porque a tinha a ela. Fora por ela que ele viera para este país.

Ela obrigara-o a deixar tudo para trás. Não fora uma escolha livre. O amor é o contrário da escolha livre. O amor é 100 % antidemocrático, 99 % dos votos vão para o tipo de bigode, para o tipo de uniforme, para o tipo dos militares que tem o retrato nas tabacarias todas, nas ruas todas, nos cabeleireiros e nos cafés todos, até acabar a revolução, e todos os retratos velhos serem deitados abaixo, pisados, queimados e substituídos pela imagem de outro homem de bigode e carreira militar, que diz que o homem de bigode e carreira militar que havia antes não era um líder autêntico, que era corrupto e não cuidava do país como ele merecia. O amor é uma ditadura, pensa o pai, e as ditaduras são boas, porque ele era mais feliz quando tinha menos liberdade, quando só sabia que se não pudesse estar com ela, era o fim dele. Ela. A mulher dele. A ex-mulher dele. E se há uma coisa que ele aprendeu com a revolução falhada, é que há vantagens em ter um homem forte pelo meio. O voto das pessoas não tem valor. As pessoas são idiotas. As pessoas são como formigas. Não sabem o que é bom para elas. Têm de ser controladas para não construírem formigueiros por todo o lado, a invadir casas de verão desconhecidas. Não se lembra de quem disse isso. Talvez tivesse sido ele a pensar nisso. É perfeitamente possível, porque ele é 100 % mais esperto do que 100 % da população mundial. Sabe coisas que as pessoas comuns não se atrevem a saber. Sabe que em breve os chineses vão dominar o mundo. Sabe que nove em cada 10 pessoas que influenciam os média mundiais são judeus. Sabe que a CIA esteve por trás do ataque ao World Trade Center. Sabe que a aterragem na Lua é uma encenação da NASA, que o FBI assassinou Malcolm X, Martin Luther King, John F. Kennedy, John Lennon e J. R. Ewing. Sabe que os bancos querem que as pessoas paguem com cartão para as poderem controlar. Sabem exatamente onde estamos e sabem tudo acerca de cada pessoa, o que significa que podem começar a controlar-nos de cima, como formigas.

Mas as pessoas não são formigas. As pessoas são mais espertas, maiores do que as formigas; temos inteligência, temos linguagem, temos duas pernas e não seis, temos mãos em vez de antenas, caminhamos eretos e não de barriga no chão, e estas são apenas algumas das muitas razões pelas quais nós, seres humanos, nunca aceitaremos ser controlados por um ditador.

O avô tentou explicar tudo isto à mulher que teve a sorte de se sentar ao lado dele no avião. Ficou impressionada com o conhecimento dele, mas o seu pobre cérebro tinha dificuldade em absorver toda a informação. Depois da refeição, ela começou a bocejar e a dizer que precisava de dormir.

— Dorme — disse o avô, que tinha bebido duas garrafas pequenas de vinho e escondido uma terceira na bagagem de mão. — Dorme bem. A verdade deve ser administrada em pequenas doses.

A mulher pôs os fones e adormeceu imediatamente.

Agora ele está de pé no passeio, com o vento a soprar de lado. Um carro aproxima-se. Será? Não pode ser! Não, não são os seus filhos. O filho está em casa a ouvir música que não é música. A filha deve ter ido para os copos. Não querem saber de ninguém. O avô reconhece a mulher no carro. É a que estava sentada ao seu lado no avião. Olham-se nos olhos. Ela diz alguma coisa ao homem ao volante. Diz:

— Pára o carro, querido! Aquele é o tal homem tão interessante com quem tive o privilégio de conversar no avião, aquele que tem ideias tão ousadas. Olha para ele. Parece cansado. Vamos levá-lo a casa, para ele não ter de esperar aqui ao vento pelo autocarro.

O avô sorri e levanta a mão diante da luz dos faróis. A mulher desvia o olhar. O homem ao volante inclina-se para a frente e olha-nos olhos antes de acelerar para a autoestrada.

De alguma maneira, o pai que é avô consegue apanhar o autocarro para o Cityterminalen. Com o resto das suas forças, arrasta

a bagagem até à linha vermelha do metro. São quase uma e meia da manhã quando finalmente sai na paragem certa, e um homem simpático, de fones cor de laranja e pupilas duvidosamente grandes, ajuda-o a subir as escadas.

O avô caminha por entre as árvores, passando pela mercearia, pelo restaurante. Está à porta do escritório do filho. Não tem forças para levar a mala pela escada acima. Desiste. Deixa-se cair. Levanta-se e reúne o pouco de força que lhe resta. Ele consegue. Custa, mas consegue. Abre a porta e arrasta as malas para o primeiro andar. Depois adormece no sofá, completamente vestido. Não tem tempo de carregar o telemóvel. Não tem tempo de escovar os dentes. Só tem tempo para ligar a TV4, suficientemente alto para conseguir dormir.

*

Um filho que está de licença parental acorda às dez para as quatro num dia mau e às quatro e meia num dia bom. O de um ano de idade costuma ser o primeiro a acordar. Às vezes consegue acalmá-lo pondo-lhe um livrinho ou um peluche no berço, mas em geral ele perde a paciência passados 15 minutos e quer acordar. Levanta-se a apontar para a porta. Grita «muu». Faz um cocó matinal numa fralda de noite que ameaça transbordar a qualquer momento. Quando o pai finalmente acende a luz, o de um ano começa a rir e tenta sair do berço. A de quatro anos acorda por volta das cinco, saindo do quarto com os olhos semicerrados e o cabelo emaranhado. Traz o biberão, que ainda usa, embora o pai de vez em quando tente sugerir que ela beba de um copo, ou de uma chávena de plástico ou de uma garrafa de desporto toda fixe. Mas a filha recusa. Quer o biberão.

— Deixa-a estar — diz a mãe. — É a última coisa de bebé que ela tem.

Por isso o pai deixa-a ficar com o biberão, embora queira mesmo que ela pare de o usar.

— Quando os meninos de quatro anos andam de biberão — diz-lhe —, os amigos da creche podem ver e fazer troça. Podem gritar «bebé» ou «menina do biberão» ou qualquer coisa assim, e é por isso que o papá acha que deves deixar o biberão.

A filha olha para ele e encolhe os ombros.

— Não quero saber deles — diz, enfiando o biberão na cintura das calças do pijama, como se fosse uma pistola.

— Ouviste? — diz a mãe, que sai do chuveiro, de cabelo húmido, e se serve de café.

— Quem sai aos seus não degenera — diz o pai.

— Ao papá é que ela não sai, caraças — diz a namorada.

Ri-se e dá-lhe um beijo rápido no rosto.

— Volto às cinco — diz, enquanto bebe o café ao balcão da cozinha.

Nunca, em nenhum momento da história, chegaste a casa às cinco, pensa ele, mas não diz nada.

— Se precisares que eu traga alguma coisa, avisa — diz ela.

— Não te preocupes — diz ele. — Eu cá me arranjo.

Ela caminha para o metro. Tem a sua mala nova, o seu corte de cabelo novo, o seu casaco, as suas luvas; parece tão profissional, caminhando pelo mundo fora. Ele fica para trás, no caos da cozinha. Tem vestido um robe com o ranho do de um ano num dos ombros e nódoas de papas de aveia feitas pela de quatro anos no bolso. O de um ano está a correr de um lado para o outro no andarilho e berra de frustração sempre que fica preso num pedaço do tapete ou num canto. A de quatro anos quer companhia na casa de banho quando vai fazer cocó, mas ele não pode olhar para ela enquanto ela faz cocó; tem de ficar por perto, mas de costas voltadas, porque ela tem medo de ficar sozinha quando está na sanita. O de um ano sobe para o sofá

e tenta deitar abaixo uma moldura. A de quatro anos quer ler uma história, mas a história tem de ser suficientemente assustadora para o de um ano ter demasiado medo para ouvir. O de um ano faz cocó outra vez e a de quatro anos quer ver. O de um ano recusa-se a ficar quieto no trocador, o pai pede à de quatro anos para ir buscar um brinquedo para o de um ano, e a de quatro anos volta com um *troll* de cabelo roxo vivo. O pai agradece à de quatro anos, o de um ano olha brevemente para o *troll* antes de o atirar, como uma bombinha de Carnaval, diretamente para o chão ao lado do trocador, mas o chão não é o chão, é a sanita, o *troll* cai para dentro da sanita, o seu cabelo transforma-se numa longa corda, o *troll* parece morto, a flutuar de barriga para baixo, a de quatro anos ri a bandeiras despregadas e depois começa a chorar, o pai usa toalhetes para limpar o cocó amarelo-esverdeado das mãos, do tapete de plástico branco, das nádegas do de um ano, depois põe-lhe uma nova fralda e tenta distrair o de um ano e reconfortar a de quatro anos enquanto pega num saco de plástico e põe a mão dentro do saco para a mergulhar na sanita e tirar o *troll*. O de um ano levanta-se, apoiando-se na cómoda do corredor, e berra de satisfação ao ver que não cai. A de quatro anos quer ajudá-lo, mas em vez disso consegue deitá-lo abaixo. O de um ano começa a chorar. A de quatro anos ri-se. O de um ano morde a canela da de quatro anos. A de quatro anos começa a chorar. O de um ano desaparece. Encontram-no por trás da mesa da sala com duas missangas de plástico na boca. O pai leva o de um ano para o quarto da de quatro anos. Está na hora de todos se vestirem. A de quatro anos quer usar calções e camisola de futebol. O pai explica que é inverno, ou final de outono. Ela quer usar calções debaixo das calças. O pai cede. O de um ano desapareceu. Encontram-no no quarto, ao lado da mesa de cabeceira de cantos afiados de metal; acabou de conseguir tirar os protetores brancos de plástico que tinham posto precisamente por os cantos serem tão

afiados. A de quatro anos quer brincar com o Duplo, mas só se o pai brincar também e o de um ano não brincar com eles. Brincam com o Duplo. Todos menos o de um ano, que está sentado ao longe, com aquele ar satisfeito com que fica sempre que tem alguma coisa na boca. O pai tira um dos tampões de ouvido da mãe de dentro da boca do de um ano. O de um ano começa a gritar. A de quatro anos constrói uma garagem. O de um ano destrói a garagem. A de quatro anos atira uma bola ao de um ano. O de um ano pensa que é um jogo e vai buscar a bola para a dar à de quatro anos. A de quatro anos esconde a bola. O de um ano encontra uma roda de Lego e põe-na na boca. O pai tira a roda de dentro da boca do de um ano com a mesma mão que, há dez minutos, esteve dentro da sanita. A de quatro anos diz que está farta do Duplo. O de um ano esfrega os olhos. O pai vê as horas e percebe que a de quatro anos só tem de estar na creche dali a hora e meia. Gostava que o tempo passasse mais depressa, gostava que a creche tivesse vaga para o de um ano. Às vezes, quando se sentam a tomar o pré-pequeno-almoço, o pré-pequeno-almoço que tomam antes da de quatro anos tomar o pequeno-almoço na creche, o pai tenta falar de coisas de adultos com a de quatro anos. Pega no jornal e mostra-lhe fotografias do presidente das Filipinas. Explica o que é uma rebelião. Explica que uma intervenção humanitária é o que se faz quando as pessoas têm muito pouca comida. A de quatro anos acena com a cabeça e parece compreender. Depois diz que toda a gente que tem uma corda ao pescoço é presidente. E o pai concorda, diz que muitas vezes quando se vê alguém no jornal de gravata, essa pessoa é presidente, ou pelo menos político. Depois do pré-pequeno-almoço, trocam de roupa, que, entretanto, se sujou. Brincam aos astronautas ou à família de tigres ou aos polícias e ladrões ou aos incendiários e bombeiros ou aos rinocerontes que batem com um pé quando estão zangados e vão atacar. Depois muda a fralda do de um ano uma última vez antes

de saírem para a creche. A de quatro anos veste-se sozinha, e tudo é uma competição, o primeiro a vestir o casaco polar ganha.

– Ganhei – grita a de quatro anos.

Primeira a vestir o casaco de rua.

– Ganhei outra vez – grita a de quatro anos.

Primeira a carregar no botão do elevador.

– Sou a mais rápida do mundo – diz a de quatro anos, e o pai acena com a cabeça, o pai concorda, a de quatro anos é mesmo excepcionalmente despachada, incrivelmente esperta, fantasticamente boa em tudo aquilo em que se pode ser bom.

E, contudo... algures, no mais profundo de si, o pai ouve um murmúrio que diz: «Ai, não és não. Não és nem de perto nem de longe a melhor em tudo. Eu, por exemplo, conseguia vestir-me *superdepressa* se quisesse. Conseguia vencer-te *muito facilmente* se me esforçasse. Sou muito melhor do que tu a fazer contas de cabeça, porque não preciso de usar os dedos para contar três mais três. E sabes todas aquelas letras que toda a gente fica superimpressio-nada por tu saberes? Eu também as sei. Todas. E muito melhor do que tu.»

Saem do elevador, param para fazer festas ao *Yeltsin*, o gato do prédio, e depois sobem o monte, descem as ruas, passam pela pequena praça com o bebedouro em fonte, o centro de saúde, os três cabeleireiros, a clínica dos pés e o lar de idosos. O de um ano esfrega os olhos. A de quatro anos vai a correr à frente. «É favor usar capas duplas nos sapatos», diz o sinal no vestiário. Mas o pai costuma usar só uma; usar duas parece-lhe um desperdício, sobretudo quando não está a chover. Tem o de um ano ao colo e cumprimenta os pais que sempre cumprimenta, mas com quem nunca conversa. A de quatro anos sai disparada a correr para a aula dela e chega mesmo antes de o *Leffe* chegar com o carrinho do pequeno-almoço. Hoje correu bem ao deixá-la na creche.

A de quatro anos sobe para cima de uma cadeira, entre dois amigos, e acena, a despedir-se. O pai pergunta ao pessoal da creche como estão. Diz olá ao auxiliar de limpeza. Do lado de fora da porta de vidro, espreita, da esquina, com aquele ar cómico que faz rir a de quatro anos. Faz isso uma vez. Duas. Três. À quarta, a filha está farta. Embora o pai faça sempre uma careta nova. O pai volta para o vestiário. A única coisa que quer é que a filha olhe para ele e lhe ache piada. Que os amigos dela achem que ele é um bom pai. E os pais dos amigos dela. E o pessoal da creche. E o auxiliar de limpeza. Tira as capas dos sapatos com alguma dificuldade e, enquanto se dirige para o carrinho com o de um ano meio adormecido ao colo, pensa na loucura que é ele nem conseguir deixar a filha na creche sem sentir a necessidade de representar, como isso é mais um sinal de que há algo de errado com ele, que ele não funciona como as outras pessoas, que deve ter passado por alguma coisa que explica porque é que lhe custa tanto fazer as coisas que os outros fazem sem esforço nenhum.

O de um ano adormece no carrinho. O pai caminha até ao lago e olha para os patos. Casais de reformados passeiam de braço dado. Mães em licença parental sentam-se em bancos banhados pelo sol e comem maçãs, com um pé na roda traseira do carrinho. Dois cães estão a brincar perto do cais. A relva está branca com uma ligeira camada de geada. A gravilha no carreiro está sólida, como sempre acontece quando a temperatura se aproxima dos zero graus. Um filho que é pai sente-se subitamente satisfeito. Filha na creche. Filho a dormir. Conseguiu. Mais uma manhã completamente normal. daquelas que os outros pais conseguem sem qualquer problema, mas que para ele é um esforço tremendo. Mas hoje funcionou. E amanhã também vai funcionar.

Sente-se pronto para ligar ao pai. Pega no telemóvel. Liga o número sueco do pai. Não atende. Manda uma mensagem. Guarda

o telemóvel. Volta a ligar. Anda de um lado para o outro à beira do lago, pensa na lista de coisas que tem de fazer antes da festa de cinco anos da de quatro anos, tenta olhar para os patos, para os reformados, para as mães em licença parental, mas só consegue pensar no pai, o pai que não atende o telemóvel e pode nem sequer estar vivo. Tenta acalmar-se. Acalma-se. Vai a um café e deixa o filho de um ano a dormir no carrinho lá fora. Não se preocupa que aconteça alguma coisa. Confia no universo. Mas pelo sim, pelo não, prende o carrinho a uma das mesas. É o tipo de coisa que todos os pais fazem. Não é nem um pouco estranho querer ser só ligeiramente mais cauteloso quando se é responsável por um bebé de um ano. Sai com um café para levar. O Sol está a brilhar. Volta para o lago. No outro lado, vê a falha na rocha. Pode-se entrar lá dentro, olhar para o céu e ver as nuvens com outra clareza, enquadradas pela rocha. À esquerda ficam os velhos *bunkers* de explosões de Alfred Nobel. Era ali que testavam a dinamite, a uma distância segura do público em geral. Lê na placa informativa que foram ali produzidos 16 mil quilos de nitroglicerina, mas que após várias explosões fatais em 1868 e 1874, a produção foi deslocada para a margem sul da baía e foram erigidas barreiras protetoras. Sabe que esquecerá que os buracos nas barreiras parecem um rosto de dentes tortos e que a ferrugem na placa faz com que a tradução inglesa seja difícil de ler. Aquilo de que se vai lembrar são os números, os anos, a quantidade exata de nitroglicerina. Caminha pelo carreiro. O carrinho rola silenciosamente ao chegarem ao cais de madeira. Param quando chegam mesmo à beira. Respira. Tenta envolver tudo com o olhar: o lago, o céu, o vento, as ilhas, o horizonte, os barcos, as ondas, as aves. Outra pessoa talvez o conseguisse descrever. Ele não o consegue descrever, mas consegue ali estar a sentir-se parte de tudo. Depois pega no telemóvel e liga ao pai. Ainda não atende.

*

Uma irmã que não conhece o pessoal da farmácia ainda quer esperar lá fora.

– Porque é que não podemos entrar juntos? – pergunta o homem que parece pensar que é namorado dela.

– Porque quero ficar aqui – diz ela, ficando onde está.

– Mas porquê? – pergunta ele.

– Porque sim – diz ela.

– A sério? Que idade é que tens? – pergunta ele, entrando na farmácia.

Mas di-lo com aquela leveza na voz e o sorriso constante nos lábios que poderia fazer qualquer insulto parecer um elogio. Que idade tem ela? Já não tem idade para estar com alguém da idade dele, pelo menos, e já não tem idade para fazer coisas que não quer. Nunca mais. Já a levaram nessa uma vez, quando era demasiado nova para perceber as consequências.

Vai para a paragem de autocarro. Telefona ao pai. Não atende. Pela montra, vê o namorado entrar na farmácia. Ele e a sua maldita postura. Nem um medalhista de ouro dos Jogos Olímpicos é tão descontraído como ele. A mulher que está ao balcão diz olá, mas ele está ocupado a ler as placas das prateleiras. Está a franzir os olhos. Primeiro vai até à prateleira dos produtos de higiene dentária, depois pergunta onde estão os preservativos, a pílula do dia seguinte e testes de gravidez. Lê as indicações em duas embalagens iguais. Depois leva as duas até à caixa e paga.

– És mesmo antissocial – diz ela quando ele regressa, com as duas embalagens dentro de um saquinho verde.

– O que foi agora? – pergunta ele.

– Não a ouviste a cumprimentar-te?

– Quem?

– A mulher ao balcão. Vi-a falar contigo quando entraste, mas tu passaste por ela sem sequer olhar.

— Viste tudo isso daqui? — pergunta ele. — Qual de nós é que é antissocial, então?

Ele sorri e passa-lhe o saco. Voltam para o apartamento dela. Ela vai de elevador. Ele vai de escadas. Como sempre.

Da primeira vez que foram passear juntos, ela tentou deixar bem claro que, por muito bom que fosse o sexo, por muito agradável que fosse estarem juntos e ver séries e acordar juntos, ela não estava à procura de nada a sério.

— Estamos de acordo? — disse. — Concordamos que isto não é mais do que uma relação adulta em que satisfazemos as necessidades um do outro?

Mas era muito difícil conversar com uma pessoa que estava sempre à procura de raminhos para partir. Encontrava pedras para atirar a outras pedras.

— Olha lá, estás a ouvir? — perguntou ela.

— Sim, sim — disse ele, apontando para um formigueiro invulgarmente grande.

— Entendes o que te estou a querer dizer?

— Completamente — disse ele. — Sinto o mesmo. Olha, o que é aquilo?

Apontou para um cone de sinalização cor de laranja que alguém deitara fora no meio da floresta.

— Detesto quando as pessoas fazem coisas assim — disse, e pegou no cone para o levar de volta para o parque de estacionamento.

Ela voltou a tentar algumas semanas mais tarde. Disse que não estava apaixonada por ele. Que, no máximo, lhe achava graça. Disse que era verdade que passaram quase todas as noites juntos desde que se conheceram, mas que não tinha tempo para um namorado, não queria ficar presa, tinha de pensar na carreira, e para ela a liberdade era a coisa mais importante da vida. Tinha prazos a cumprir e clientes a agradar e patrões a impressionar e amigos com quem estar.

Amigos que eram mais como ela, que não eram sete anos mais novos e que gostavam de outras coisas além de relaxar, estar na descontra, ficar na ronha, ir ao ginásio e ver filmes mudos russos que duravam uma eternidade.

– Vá lá, é o último filme de Yevgeni Bauer – disse ele, apontando para o ecrã do portátil, onde o filme avançava tão lentamente que era difícil perceber se ele teria carregado no botão de pausa.

Ela explicou que não estavam realmente juntos. Ele voltou-se para ela, olhando-a com os seus grandes olhos castanhos.

– Tu amas-me – disse.

– Olha que não – disse ela.

– Amas, sim, só que ainda não percebeste – disse ele, e, para variar, não sorria.

Estavam juntos há cerca de um mês quando ela o convidou para um evento organizado pela sua empresa. Tinham apanhado o autocarro de Slussen, e o sol brilhava através das janelas, fazendo brilhar as tatuagens dele. Ao passarem pelo terminal da Viking Ferry, ela contou-lhe que tinha um filho. Ele abriu a boca e ficou de boca aberta vários segundos.

– Tens um filho – disse. – Porque é que nunca me contaste?

– Tu nunca perguntaste – respondeu.

– Esse é o tipo de coisa que normalmente vem em conversa – disse ele.

– Eu não sou normal – disse ela. – Já devias saber isso.

– Como é que ele se chama?

Ela olhou pela janela. Obrigou-se a dizer o nome do filho. Ao enunciar as duas sílabas, o filho voltou a ser um recém-nascido nos seus braços, estava adormecido com o nariz mergulhado no pescoço dela, estava a estender os braços para ela lhe pegar ao colo quando o ia buscar à creche, estava a perder o equilíbrio num

treino de andebol e a sair do campo a coxear com uma expressão exageradamente dramática, estava a chegar a casa de mochila aberta, a perguntar se podia ir comer a casa de um amigo.

— É um belo nome — disse o homem que não era seu namorado.

— Temos de sair — disse ela, levantando-se.

Enquanto desciam para o campo de malha, ela largou-lhe a mão. Abraçou os colegas todos perfumados e deu dois beijinhos ao patrão, que usava uma echarpe, apresentando o homem que não era seu namorado como amigo. A empresa organizara cocktails, aperitivos e jogos da malha. Era uma experiência. Não devia ter funcionado, mas, por alguma razão, funcionou. Ele não sabia o nome de ninguém, mas mesmo assim conseguiu organizar um torneio de malha. Encantou o patrão dela ao dizer que ele tinha tanto jeito para o jogo que até podia jogar vendado com a própria echarpe. Quando foi à casa de banho, dois dos colegas dela, um homem e uma mulher, tinham vindo ter com ela separadamente para perguntar se ele era solteiro.

— Infelizmente, não — disse ela, embora não percebesse bem porquê.

O Sol já se tinha posto, o pó do campo de malha assentou, e ele estava há dez minutos a falar sobre como Resnais era sobrevalorizado com um estagiário que, pelos vistos, também tinha estudado Cinema. A ponte que ligava à cidade erguia-se a intervalos regulares, deixando passar barcos de mastros longos. Uma linha de baixo retumbava, vibrante, vinda do outro lado do canal.

— Estamos do lado errado — sussurrou ele, acenando para os adolescentes com sacos de plástico que caminhavam em direção à música, usando os telemóveis como bússola.

Passados seis meses de estarem juntos, mas não juntos, mais só a passar tempo, ela explicou-lhe finalmente porque é que o filho já não vivia com ela. Tudo tinha começado quando ele fez 12 anos.

Embora não, na verdade tudo começou quando ele ainda estava na barriga dela. Conheceu o ex-marido quando tinha 19 anos, e ele, 35. Tinham-se casado um ano depois. No início, ele era bastante simpático. Talvez só um pouco ciumento. Se ela fosse a uma festa, ele queria ver o telemóvel dela. Às vezes aparecia à porta das aulas dela, na universidade, para lhe dar um beijo, e ela apresentava-o aos rapazes com quem fazia trabalhos de grupo. Sempre que ia tomar café com algum amigo, podia sair do café com 17 chamadas perdidas. Mas ela vira isso como um sinal de que ele tinha medo de a perder. Estava tão apaixonado que se tornava carente. Depois ela engravidou. Ele ficou convencido de que ela estava propositadamente a comer coisas que fariam mal ao bebé. Vasculhava o lixo da cozinha para se certificar de que ela não tinha comido sushi. Cheirava os copos para ter a certeza de que ela não andava a beber às escondidas. Uma vez, tirou-lhe as chaves e deixou-a trancada dentro do apartamento que partilhavam. Outra vez, partiu uma janela da lavandaria e ameaçou cortar-se com os vidros se ela não promettesse cancelar a despedida de solteira em Copenhaga que organizara para uma amiga. Algumas vezes, ela fez as contas às semanas e indagou-se se não seria melhor livrar-se do bebé. Mas era impossível. Não conseguia. Havia uma vida a crescer dentro de si, e tinha a certeza de que o bebé daria ao marido a sensação de segurança de que ele precisava. Depois o bebé parou de crescer. Era como se sentisse que o mundo não era seguro. O ex-marido acusou-a a ela, ela acusou-o a ele. Quando o bebé nasceu, por fim, forte e saudável, divorciaram-se passados seis meses. Seguiram-se litígios, disputas pela guarda, investigações dos serviços de proteção de menores, encontros com advogados. Ambos queriam guarda única; ela estava preocupada que o filho não se desse bem se vivesse com o pai, ele estava convencido de que ele seria maltratado sob os cuidados dela.

Duas vezes por ano, um «pai que também é avô» regressa à Suécia para cuidar dos seus interesses e visitar a filha e o filho, que abandonou. Este avô é uma pessoa difícil, ocasionalmente preconceituosa, constantemente crítica, e a sua visita parece ser mais motivada por questões práticas do que por afeto: um acordo tácito vincula o filho a ocupar-se dele a cada regresso e a manter um apartamento em seu nome, para assim ele poder escapar-se aos impostos no seu país de origem. Mas agora que este filho se tornou também pai, debatendo-se com o cansaço de uma licença de paternidade, a sua vontade é libertar-se dessa «cláusula familiar». Também a irmã, já mãe e novamente grávida, está a contos com a vida. Serão dez conturbados dias de visita que obrigarão cada um dos membros desta família a enfrentar os fantasmas do passado e as tensões do presente.

Escrito com humor e um olhar atento, *A Cláusula Familiar* é o retrato divertido, doloroso e verdadeiro das relações familiares nas nossas sociedades modernas e multiétnicas, nas quais um forte desejo de individualismo se conjuga com os valores ancestrais de identidade e pertença.

«Sagaz e simples, e com uma grandiosidade escondida nos pequenos detalhes, *A Cláusula Familiar* é não só o melhor romance de Khemiri como um dos pontos altos do ano.»




EXPRESSEN

«Um romance que atravessa fronteiras e diferentes perspetivas, descrevendo com olhar penetrante os gestos dramáticos, muitas vezes cómicos, que nos definem enquanto indivíduos e membros de uma família.»

JÚRI DO NATIONAL BOOK AWARD



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789895649495



9 789895 649495 >